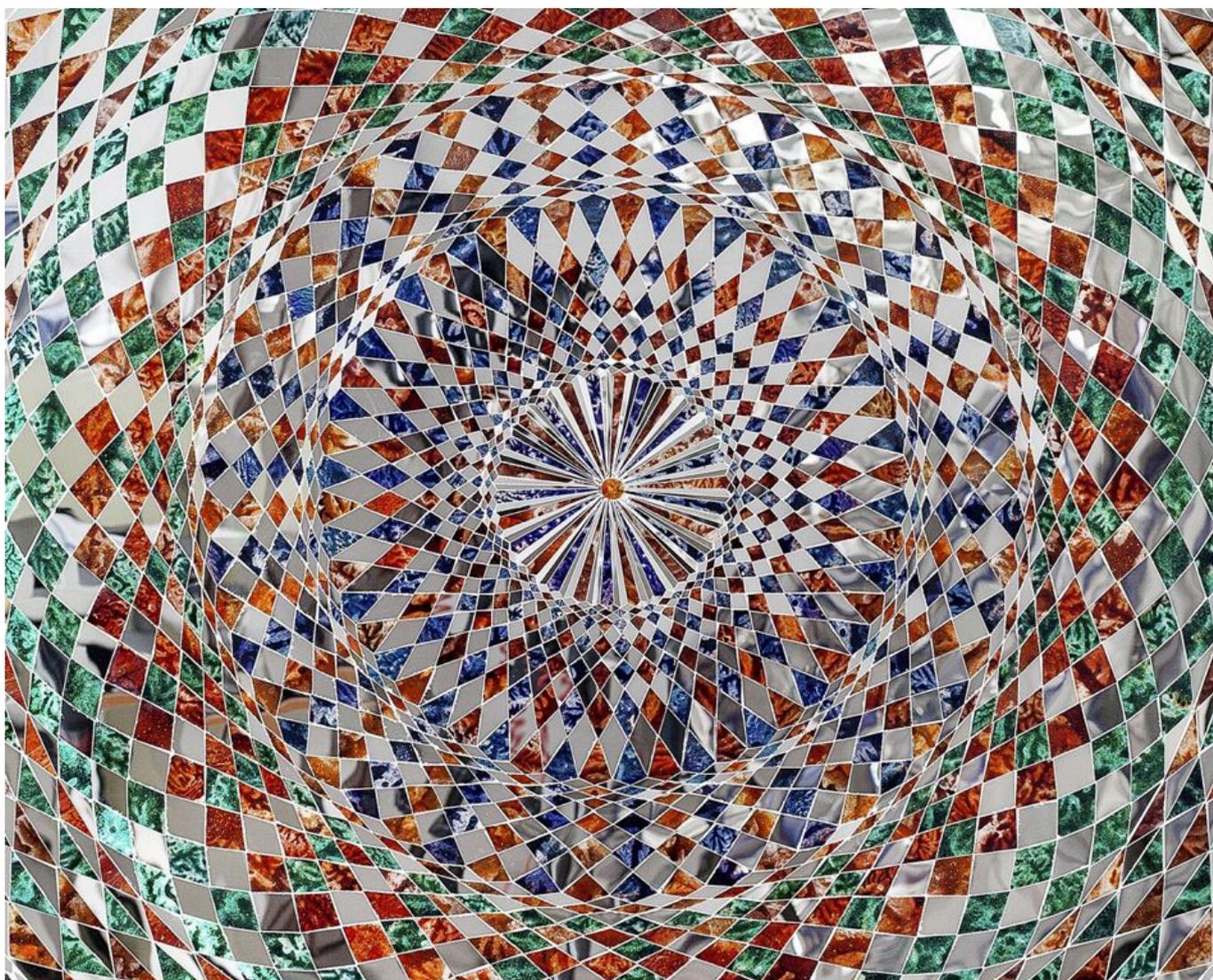


A guerra não é a resposta à profunda insegurança global | Carta semanal 37 (2022)



Monir Shahroudy Farmanfarmaian (Irã), *Por do sol*, 2015.

Queridos amigos e amigas,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

Notícias graves chegam até nós das Nações Unidas (ONU). O último **Relatório de Desenvolvimento Humano (2021-22)** registra que, pela primeira vez em 32 anos, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) registrou um segundo ano consecutivo de declínio. Os cinco anos anteriores de ganhos em áreas como saúde e educação foram anulados por essa reversão. “Bilhões de pessoas enfrentam a maior crise de custo de vida em uma geração”, diz o relatório. “Bilhões já lutam contra a insegurança alimentar, em grande parte devido às desigualdades de renda e poder que determinam os direitos à alimentação. Uma crise alimentar global os atingirá mais duramente”.

Embora o relatório da ONU aponte a pandemia e a guerra na Ucrânia como as fontes imediatas dessa angústia, um **relatório anterior sobre segurança humana** observa que “mais de 6 em cada 7 pessoas em todo o mundo se sentiam moderadamente ou muito inseguras pouco antes da chegada da Covid -19”. Certamente, a pandemia e as recentes pressões inflacionárias devido ao conflito na Eurásia tornaram a vida mais difícil, mas essa angústia precede os dois eventos. O problema mais profundo é o sistema capitalista mundial, oscilando de crise em crise, o que tornou a vida muito difícil para mais de seis bilhões de pessoas.

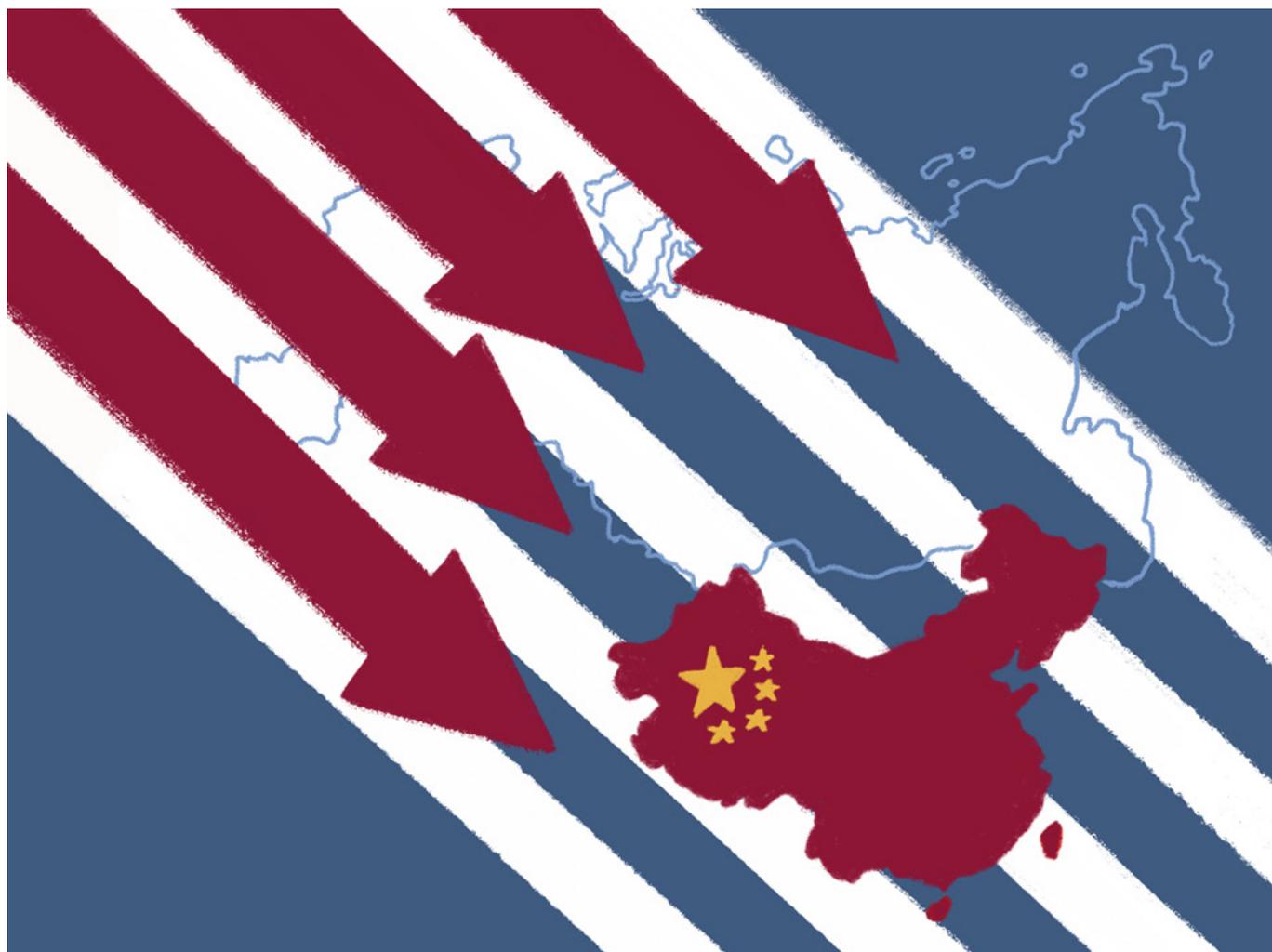


Merikokeb Berhanu (Etiópiã), *Sem título XLIV*, 2020.

No Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, trabalhamos para entender a natureza dessas crises em cascata e suas causas profundas desde quando iniciamos, há quase cinco anos. Ao longo desse período, assistimos ao surgimento não de uma cooperação global para lidar com a fome, o desemprego, o sofrimento social, a catástrofe climática, etc., mas de uma mentalidade e estruturas que promovem a guerra como solução. O líder aqui foi, sem dúvida, os Estados Unidos. Contra a China, por exemplo, os EUA conduziram uma guerra comercial e tentaram usar argumentos de segurança nacional para prejudicar os avanços da sofisticada

tecnologia chinesa. Enquanto a maioria dos países – instigados pela crescente agitação social entre as massas – anseia por cooperação internacional para atender às preocupações mais prementes de seus países, os EUA têm buscado uma estratégia perigosa de ameaças políticas e confronto militar para pressionar suas vantagens econômicas, uma vez que não pode mantê-los por meios comerciais.

Para entender mais profundamente as questões prementes que definem nossos tempos, o Instituto Tricontinental fez parceria com a respeitável revista socialista *Monthly Review* e a plataforma de paz **No Cold War** para estudar novos desenvolvimentos na estratégia militar dos EUA e seu arsenal. Essa investigação deu frutos em nossa primeira publicação em uma nova série chamada Estudos sobre Dilemas Contemporâneos. Esse estudo, *Os Estados Unidos em busca de uma Nova Guerra Fria: uma perspectiva socialista*, apresenta ensaios de John Bellamy Foster (editor da *Monthly Review*), John Ross (membro da No Cold War) e Deborah Venezia (pesquisadora do Tricontinental). Minha introdução ao estudo compõe o restante desta carta.



Na reunião do Fórum Econômico Mundial em Davos (Suíça), em 23 de maio de 2022, o ex-secretário de Estado estadunidense Henry Kissinger fez algumas observações sobre a Ucrânia que foram ao ponto. Em vez de ser pego “no clima do momento”, **disse Kissinger**, o Ocidente — liderado pelos Estados Unidos — precisa permitir um acordo de paz que satisfaça os russos. “Buscar a guerra além [deste] ponto não seria [algo] sobre a liberdade da Ucrânia, mas uma nova guerra contra a própria Rússia”, comentou Kissinger. A maioria das reações do establishment da política externa ocidental foi revirar os olhos e rejeitar os comentários de Kissinger. Kissinger, que não é nenhum pacifista, no entanto, apontou não só para o grande perigo da escalada em direção ao estabelecimento de uma nova cortina de ferro ao redor da Ásia, mas também para uma possível guerra aberta e letal entre o Ocidente e a Rússia e a China. Esse tipo de resultado impensável foi demais, mesmo para Henry Kissinger, cujo chefe, o presidente Richard Nixon, falava frequentemente da “Teoria do Louco” nas relações internacionais; **Nixon disse** a seu chefe de gabinete, Bob Haldeman, que ele tinha “a mão no botão nuclear” para assim amedrontar Ho Chi Minh e forçá-lo a ceder.

Durante a invasão ilegal do Iraque pelos EUA em 2003, falei com um membro sênior do Departamento de Estado estadunidense que me disse que a teoria predominante em Washington equivalia a um simples slogan: dor de curto prazo para ganho de longo prazo. Ele explicou que a visão geral era de que as elites do país estão dispostas a tolerar a dor de curto prazo para outros países — e talvez dos trabalhadores dos Estados Unidos, que poderiam passar por dificuldades econômicas devido às perturbações e carnificinas criadas pela guerra. Esse preço, no entanto, resultará, se tudo correr bem, em ganhos de longo prazo, pois os Estados Unidos conseguiriam manter o que tem procurado conservar desde o fim da Segunda Guerra Mundial: sua primazia. Se tudo correr bem foi a premissa que me fez tremer enquanto ele falava, mas o que me abalou igualmente foi a insensibilidade sobre quem deve suportar a dor e quem irá desfrutar do ganho. Foi também cnicamente repetido que valia a pena o preço que o povo iraquiano e os soldados da classe trabalhadora dos EUA pagariam (com a vida inclusive), desde que grandes empresas petrolíferas e financeiras pudessem desfrutar das conquistas de um Iraque derrotado. Essa atitude — dor a curto prazo, ganho a longo prazo — é a alucinação definitiva das elites dos Estados Unidos, que não estão dispostas a tolerar o projeto de construção da dignidade humana e da longevidade da natureza.



Boštjan Jurečič Vega (Eslovênia), *Americana*, 2011.

Dor a curto prazo, ganho a longo prazo define a perigosa escalada dos Estados Unidos e seus aliados ocidentais contra a Rússia e a China. O que é impressionante sobre a postura dos Estados Unidos é que busca evitar um **elemento histórico** que parece inevitável: o processo de integração eurásiano. Após o colapso do mercado imobiliário dos EUA e a maior crise de crédito no setor bancário ocidental, o governo chinês buscou, ao lado de outros países do Sul Global, construir plataformas que não dependessem dos mercados da América do Norte e da Europa. Essas plataformas incluíram a criação dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) em 2009 e o anúncio do “Um Cinturão, Uma Rota” (posteriormente, “Iniciativa do Cinturão e Rota” – ICR -, ou a “Nova Rota da Seda”), em 2013. O fornecimento de energia russa e suas enormes explorações metálicas e minerais, ao lado da capacidade industrial e tecnológica chinesa, atraíram muitos países a se associarem à ICR (a exportação russa de energia está implícita nesse processo), independente de sua orientação política. Esses países incluíam Polônia, Itália, Bulgária e Portugal. A Alemanha é hoje o maior parceiro comercial da China no comércio de mercadorias.

O fato histórico da integração eurásiana ameaça a primazia dos Estados Unidos e das elites atlânticas. É essa ameaça que impulsiona a perigosa tentativa dos Estados Unidos de usar qualquer meio para “enfraquecer” tanto a Rússia quanto a China. Velhos hábitos continuam a dominar Washington, que há muito busca primazia nuclear para negar a teoria da distensão [détente]. Os Estados Unidos desenvolveram uma capacidade nuclear e uma postura que lhe permitiria destruir o planeta para manter sua hegemonia. As estratégias para enfraquecer a Rússia e a China incluem uma tentativa de isolar esses países por meio da

escalada da **guerra híbrida** imposta pelos EUA (sanções e guerra de informações) e o desejo de desmembrá-los e dominá-los perpetuamente.



Ludwig Meidner (Alemanha), *Paisagem apocalíptica*, 1913.

Os Estados Unidos em busca de uma Nova Guerra Fria é um documento arrepiante, que esperamos que seja lido por pessoas preocupadas em todo o mundo e ajude a mobilizar uma campanha urgente pela paz global que hoje é essencial, principalmente na Ucrânia. Na edição de setembro/outubro da *Foreign Affairs*, Fiona Hill (ex-vice-assistente do presidente Donald Trump) e a professora Angela Stent **escreveram** que, em abril, “os negociadores russos e ucranianos pareciam ter concordado provisoriamente com os esboços de um acordo provisório negociado”, no qual a Rússia se retiraria para as fronteiras anteriores mantidas antes de 23 de fevereiro e a Ucrânia prometeria não buscar a adesão à Otan. No entanto, em um movimento revelador da agenda do Ocidente, o primeiro-ministro do Reino Unido na época, Boris Johnson, **chegou** a Kiev e instou o

presidente ucraniano Volodymyr Zelensky a interromper as negociações. Mesmo que a Ucrânia estivesse disposta a assinar um acordo de segurança com a Rússia, disse Johnson, o Ocidente não o apoiaria. Então, Zelensky cessou as negociações e a guerra continuou. O artigo de Hill-Stent revela a jogada perigosa do Ocidente, prolongando um conflito que aumentou o sofrimento ucraniano e russo e espalhou a instabilidade por todo o mundo, para perpetuar sua Nova Guerra Fria contra a China e a Rússia.

O Relatório de Desenvolvimento Humano da ONU **aponta** que “as pontes que conectam diferentes grupos estão entre nossos ativos mais importantes”. Não poderíamos concordar mais. Mais pontes precisam ser construídas do que bombardeadas.

Cordialmente,

Vijay.